

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA  
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM  
EDUCAÇÃO FÍSICA

ANDRÉ FELIPE SILVA DE FREITAS  
GABRIEL CORDEIRO PEDROSA DE ALMEIDA

**AS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA  
ESCOLAR PARA CRIANÇAS COM AUTISMO**

RECIFE/2021

ANDRÉ FELIPE SILVA DE FREITAS  
GABRIEL CORDEIRO PEDROSA DE ALMEIDA

# **AS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA CRIANÇAS COM AUTISMO**

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA,  
como requisito final para obtenção do título de Graduado em  
Licenciatura em Educação Física.

Professor Orientador: Me. Fábio Cunha de Sousa

RECIFE/2021

A447c

Almeida, Gabriel Cordeiro Pedrosa de  
As contribuições da educação física escolar para crianças  
com autismo./ Gabriel Cordeiro Pedrosa de Almeida; Andre  
Felipe Silva de Freitas. - Recife: O Autor, 2021.  
25 p.

Orientador: Msc. Fábio Cunha de Sousa .

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro  
Universitário Brasileiro – UNIBRA. Licenciatura em Educação  
Física, 2021

1. Educação Física Escolar. 2. Crianças com Autismo. I.  
Centro Universitário Brasileiro. - UNIBRA. II. Título.

CDU: 796

ANDRÉ FELIPE SILVA DE FREITAS  
GABRIEL CORDEIRO PEDROSA DE ALMEIDA

## **AS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA CRIANÇAS COM AUTISMO**

Artigo aprovado como requisito final para obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Educação Física, pelo Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, por uma comissão examinadora formada pelos seguintes professores:

---

Prof. Me. Fábio Cunha de Sousa  
Professor Orientador

---

Prof.º Titulação Nome do Professor(a)  
Professor(a) Examinador(a)

---

Prof.º Titulação Nome do Professor(a)  
Professor(a) Examinador(a)

Recife, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

NOTA: \_\_\_\_\_

*Dedicamos esse trabalho a nossos pais,  
amigos e professores que foram grandes  
incentivadores e que sempre acreditaram  
nos nossos sonhos.*

*“A mente de uma criança com Transtorno do Espectro Autista pode ser associada a um quebra cabeça. Parece difícil de entendê-la no primeiro momento. Porém, quando utilizamos a metodologia certa as tornamos fácil e percebemos que as dificuldades podem ser superadas.”*

(Jorge Tertuliano)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>0</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>7</b>
<b>3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....</b>	<b>0</b>
	<b>8</b>
<b>4 RESULTADOS.....</b>	<b>0</b>
	<b>8</b>
<b>4.1 Educação Física Escolar .....</b>	<b>0</b>
	<b>8</b>
<b>4.2 Crianças com Autismo .....</b>	<b>1</b>
	<b>5</b>
<b>4.3 Contribuições importantes proporcionados pela Educação Física Escolar em crianças com autismo</b>	<b>2</b>
	<b>5</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>2</b>
	<b>9</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>3</b>
<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>1</b>

# AS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA CRIANÇAS COM AUTISMO

André Felipe Silva de Freitas  
Gabriel Cordeiro Pedrosa De Almeida  
Fábio Cunha de Sousa<sup>1</sup>

## RESUMO

O Transtorno Espectro Autista (TEA), é considerado como uma doença de ordem multifatorial, com etiologias variadas e de origem neurológica. Caracterizado por: Incapacidade para estabelecer relações com pessoas, um amplo conjunto de atrasos e alterações na aquisição e uso de linguagem e insistência obsessivas em manter o ambiente sem mudanças acompanhado da tendência a repetir uma gama de atitudes ritualizadas. Assim, este trabalho teve por objetivo analisar as contribuições da Educação Física escolar em crianças com autismo. **Metodologicamente foi realizado a partir de uma** pesquisa bibliográfica na base de dados eletrônicos: SCIELO, PUBMED, SBV, MEDLINE, LILACS, através de artigos científicos, livros e documentos ligados ao tema. Como conclusão vemos que a educação física escolar pode auxiliar em diversos aspectos importantes que compõem o desenvolvimento de crianças com TEA. Os estudos demonstraram contribuições importantes desde aspectos motores a aspectos afetivos e emocionais.

**Palavras-chave;** Educação Física Escolar; Crianças com Autismo

## 1 INTRODUÇÃO

O autismo é caracterizado por uma desordem cerebral que impacta no desenvolvimento do indivíduo, podendo interferir na forma como esse percebe o mundo e nas suas interações, ocasionando desafios sociais, comportamentais e de comunicação (verbal ou não). Porém, na atualidade considera-se o autismo como de ordem multifatorial, com etiologias variadas e de origem neurológica (LOPES, 2017).

O primeiro estudo científico do autismo começa com o artigo publicado em 1943 pelo psiquiatra de origem austríaca radicado nos Estados Unidos, Leo Kanner. Um

---

<sup>1</sup> MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA UPE/UFPB; ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR ESEF/UPE; LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESEF-UPE; PROFESSOR DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GESTÃO E MARKETING IBGM (2014 -); PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA SEE/PE (2006 -); PARTICIPOU DA POLÍTICA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA PROMOVIDA PELA SEE/PE COORDENADA PELO GRUPO ETHNÓS (2008 a 2010); MEMBRO PESQUISADOR DO GRUPO DE ESTUDOS ETNOGRÁFICOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES ETHNÓS ESEF-UPE (2005 -).. E-mail para contato: nononono@nonoon.com.

artigo intitulado “Transtornos de contato afetivo autistas”, que descreveu um conjunto de sintomas que observou em uma população de 11 crianças. Os referidos sintomas foram os seguintes: solidão extrema ou incapacidade de estabelecer relações com pessoas; insistência obsessiva em manter o ambiente inalterado; excelente memória; bom potencial cognitivo e às vezes habilidades especiais; aparência física normal; hipersensibilidade a estímulos; atrasos e alterações na aquisição e o uso da fala e da linguagem (linguagem sem intenção comunicativa); aspecto desde o nascimento (KANNER, 1943).

Atualmente, dois sistemas principais de critérios de diagnósticos são usados: 1. DSM-V (2013): Manual de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. *American Psychiatric Association*, (APA). 2. CIE-10: Classificação internacional de doenças, Organização Mundial da Saúde (OMS). As formas de tratamento para indivíduos autistas podem ser desde a utilização de medicamentos a acompanhamento pedagógico, fonoaudiólogo, psicológico e físico. O TEA é classificado em três graus, com a definição de cada classe sendo determinada pela equipe multidisciplinar responsável pelo indivíduo, os graus são definidos em: leve, moderado e severo (SAVALL; DIAS, 2018).

É importante que a inclusão de alunos com autismo seja fundamental, pois está prevista em lei, em escolas regulares de ensino, possibilitando a interação social e estimulando o desenvolvimento mental dos autistas. O papel da educação, nesse sentido, é tornar a criança autista o mais independente possível para que seja capacitada a viver de uma maneira igual aos demais (BELISÁRIO; CUNHA, 2010).

O capítulo V da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/1996) assegura o atendimento à criança especial podendo assim ingressar em escolas de ensino regular. Pensar a construção de uma educação inclusiva que não seja assegurada somente por leis nos espaços sociais, principalmente, no cotidiano das escolas, é um verdadeiro desafio à educação brasileira. Nesse sentido, a educação física escolar é fundamental, pois contribui em aspectos relacionados à formação geral como o desenvolvimento motor, afetivo, social e cognitivo, visando o hábito da prática das atividades físicas como sendo fundamentais para uma vida saudável (BRASIL, 1996).

As atividades, por muitas vezes, são realizadas em forma de jogos e brincadeiras por meio da ludicidade, o que desperta o prazer da criança para sua prática (FELLIPE; JUDITH, 2010). No âmbito escolar, cujo objetivo principal é o desenvolvimento integral das crianças, é desejado que haja diversidade em todos os contextos, entre os quais cultural, religioso, afetivo, familiar e, inclusive, que seja acessível para pessoas com diferentes características físicas e intelectuais. Apesar

dessa intenção, diferentes situações são vistas nas escolas e estas possuem uma origem histórica. Apenas a partir do século XX a sociedade reconheceu que cada ser humano é único, ou seja, possuem características biológicas distintas, diferenciando-se dos outros (SANTOS, 2008).

Cada pessoa possui capacidades e limitações específicas, fatores importantes que devem ser considerados pelos professores de educação física ao atuarem como mediadores da aprendizagem de crianças e jovens. Todavia, é necessário que não haja qualquer tipo de preconceito no ambiente escolar, garantindo o direito e o acesso às aulas de educação física escolar de maneira efetiva. Sendo assim, a educação física no ambiente escolar poderá propiciar essa oportunidade a todos os alunos para o desenvolvimento de suas potencialidades, de forma em que os mesmos tenham condições de participar, sem seleção, objetivando a construção do indivíduo e a promoção da cidadania (LOPES, 2017).

As aulas de educação física poderão proporcionar ao aluno com TEA atividades que contribuam para seu desenvolvimento motor e melhore sua relação social, possibilitando ao mesmo a geração da autonomia, criticidade e reflexão, levando ao aluno a geração de valores e objetivando a construção social do indivíduo (MARANHÃO, 2012). Para que isso aconteça, ressaltamos que o papel dos professores de educação física escolar precisa atentar a essa perspectiva de incentivar as potencialidades e possibilidades de crianças com TEA, inserindo-as no meio escolar e tornando este um ambiente propício para a autonomia e as aprendizagens de todo o coletivo.

A inclusão de alunos com TEA na educação física escolar, portanto, possibilita sua interação social, estimulando o desenvolvimento mental e da função executiva desses alunos. O professor tem como dever, no processo de ensino aprendizagem, buscar recursos para a mediação, fazendo com que os grupos interajam, sendo em atividades durante as aulas ou no convívio social fora delas. Assim, essa pesquisa bibliográfica, pode contribuir para a elaboração de uma abordagem pedagógica nas aulas de educação física, buscando expandir conhecimentos sobre suas diversas formas de inclusão e adaptação de alunos autistas nas aulas de educação física escolar (SANTOS, 2008). Como ocorre as contribuições da educação física escolar para crianças com autismo?

Esse estudo justifica-se pela importância de incluir essas crianças, pois os estudos realizados apontam uma falta de conhecimento dos profissionais sobre o tema, indicando uma formação defasada e não adequada no curso de educação física. Por isso, pesquisas sobre esse tema são importantes para que o profissional de educação

física possa ter o conhecimento sobre os tipos de atividades físicas que beneficiam o desenvolvimento de cada aspecto do indivíduo com TEA.

Neste estudo, através da pesquisa bibliográfica, que traz como contribuição à reflexão da prática pedagógica o princípio da inclusão, que consiste na sistematização de objetivos, conteúdos, processos de ensino aprendizagem e avaliação, que tem como meta a inclusão do aluno na cultura corporal de movimento, por meio da participação e reflexão concretas e efetivas. Os professores devem estar preparados, pois para que a inclusão aconteça é necessário que os mesmos entendam sobre inclusão e conheçam seus alunos para melhor escolher e aplicar os métodos de ensino (FELLIPE; JUDITH, 2010).

As dificuldades desses alunos com TEA, devem ser trabalhadas por meio de atividades que proponham sua inclusão, possibilitando melhorias no seu desenvolvimento. Deste modo, as aulas de educação física devem seguir uma perspectiva inclusiva onde o professor deverá oportunizar ao aluno a participação em todas as atividades realizadas, porém, respeitando as características individuais de cada um, através do princípio da inclusão, a educação física escolar deve centralizar o aluno, podendo assim desenvolver as competências dos mesmos, dando a eles possibilidades de acesso aos conteúdos propostos. Sendo assim, é necessário adotar estratégias adequadas, evitando a exclusão ou alienação do educando (MARANHÃO, 2012).

Portanto, a escola atuando na prática pedagógica, facilitando o processo inclusivo deve se preparar para atender os alunos de forma individual e coletiva, buscando o desenvolvimento e a construção social do indivíduo (SANTOS, 2008). As aulas de educação física podem contribuir de forma positiva para a inclusão do aluno com TEA em contexto escolar, de forma que as vivências nessas aulas propiciaram melhorias no desenvolvimento das habilidades motoras e nas relações sociais, proporcionando benefícios positivos de acordo com os comprometimentos que o transtorno gera ao aluno.

É na escola que as crianças desenvolvem os seus primeiros aprendizados, suas primeiras experiências sociais e interação com crianças da mesma faixa etária. Logo, devem ser claros os benefícios de um trabalho inclusivo nas aulas de educação física por proporcionar, ao aluno com TEA, um melhor desenvolvimento em termos de integração social e desenvolvimento motor, habilidades de antecipação a circunstâncias comuns a todos os alunos, habilidade benéfica para o seu desenvolvimento social, afetivo e intelectual.

O papel da escola, dos professores, e em especial da educação proposta, é tornar o aluno com TEA o mais independente possível, proporcionando a ele a

capacidade de viver com igualdade no seu grupo social (LOPES, 2017). Assim, o objetivo deste trabalho foi analisar as contribuições da Educação Física escolar para crianças com autismo.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O conceito de espectro do autismo tem origem no estudo realizado por Lorna Wing e Judith Gould em um bairro de Londres no final dos anos 70. Elas estudaram uma população de 35.000 crianças menores de 15 anos e constataram que as alterações nas habilidades de relacionamento social estavam presentes em uma proporção de 22,1 / 10.000 habitantes. Em contraste, as características do autismo foram encontradas apenas em 4,8 / 10.000 pessoas.

Elas descobriram que traços autistas não estavam presentes apenas em indivíduos autistas, mas também em outros transtornos de desenvolvimento. Lorna Wing desenvolveu a *Tríade Wing*, listando as três dimensões principais que são: 1. Desordem de reciprocidade social; 2. Desordem de comunicação verbal e não verbal; 3. Falta de capacidade simbólica e comportamento imaginativo. (WING, 1979).

O Autismo é um transtorno do desenvolvimento que é definido a partir de avaliações comportamentais, caracterizado por déficits na comunicação social, na interação, na sensibilidade sensorial, coordenação motora e níveis de atenção, com a presença de complicações no que diz respeito ao empenho e à realização de atividades. No entanto, em geral, os quadros de autismo variam em severidade e intensidade em suas diferentes características (VARANDA; FERNANDES, 2011).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) engloba diferentes condições marcadas por perturbações do desenvolvimento neurológico. Também chamado de Desordens do Espectro Autista (DEA ou ASD em inglês), recebe o nome de espectro *Spectrum*, porque envolve situações e apresentações muito diferentes umas das outras, numa gradação que vai da mais leve à mais grave. Outros exemplos de transtornos que fazem parte do espectro, e que anteriormente eram considerados diagnósticos distintos, são: a Síndrome de Asperger e o Transtorno Global do Desenvolvimento. Todas, porém, em menor e maior grau estão relacionadas, com as dificuldades de comunicação e relacionamento social.

O TEA compreende um conjunto de alterações no neurodesenvolvimento infantil, que tem como principais manifestações a falta de interação social, dificuldades de comunicação interpessoal e presença de movimentos repetitivos e restritos. É

necessário atentar para as manifestações cognitivas, sociais, emocionais, psicológicas e bioquímicas ligadas à desordem. A etiologia é multifatorial e o diagnóstico do TEA é baseado em critérios clínicos com validação internacional e necessita de uma avaliação abrangente para ser realizado (LOPES, 2017).

É de grande importância a detecção precoce e o início de intervenções terapêuticas o mais cedo possível. O retardo do diagnóstico e do tratamento pode acarretar prejuízo global para o desenvolvimento da criança. A convicção errônea dos profissionais da saúde e dos pais de que se deve esperar o tempo da criança, mesmo quando esta apresenta atrasos nítidos no desenvolvimento, é um dos principais fatores que contribuiu para o atraso do diagnóstico e compromete o tratamento, desfavorecendo o prognóstico (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019).

Apesar de não fazerem parte dos critérios diagnósticos, evidências em relatos clínicos e acadêmicos, sugerem a presença consistente e pronunciada de dificuldades motoras nos indivíduos com TEA (FOURNIER, et al., 2010). Estas se revelam em prejuízos no equilíbrio e controle postural, no planejamento e encadeamento de ações motoras, na imitação de gestos, na coordenação motora global e fina, nas atividades locomotoras e na marcha atípica na ponta dos pés (BARROW, ET AL., 2011); (ACCARDO, ET AL., 2015).

O tratamento do TEA tem como objetivo estimular de um lado a cognição, linguagem e interações sociais e, de outro, reduzir ou eliminar a rigidez comportamental e as estereotipias motoras, cabendo ressaltar que as intervenções com o objetivo de remediar dificuldades sensoriais e motoras associadas como abordagens terapêuticas complementares (BARANEK, 2002).

Nesse sentido, a educação física escolar, através dos exercícios físicos e práticas esportivas têm despertado um crescente interesse acadêmico e clínico por seus potenciais efeitos benéficos sobre os sintomas do TEA. Assim sendo, a educação física escolar pode melhorar o condicionamento físico, saúde metabólica, qualidade de vida e contribuir para a melhoria das habilidades motoras, sociais, comportamentais e comunicativas dos indivíduos acometidos pelo TEA (MENEAR, et al. 2015). As dificuldades motoras, sociais e comportamentais, no entanto, limitam as oportunidades de participação de indivíduos com TEA em atividades físicas e esportivas e constituem desafios significativos para o ensino da educação física escolar.

## **2.2 A Educação Física Escolar.**

A Educação Física escolar contribui com os comportamentos comuns do aluno, cognitivo, afetivo e psicomotor. Cada professor deve se colocar como guia para o ensinamento do aluno, cada aluno desenvolverá habilidades e interesses diversos em cada modalidade proposta a ele. A inclusão de crianças com necessidades especiais nas aulas de Educação Física Escolar é um desafio a ser vencido pela escola e sociedade, se objetivarmos uma educação para todos. Para isso precisamos estimular a convivência de todas as crianças.

O conceito de educação inclusiva acontece por alguns aspectos como: compartilhar o mesmo espaço físico, integração na sociedade, adaptações no ensino, participação de todos nas aulas e o direito à educação (SANTANA, 2005). Apesar da dificuldade de aprendizado dos alunos, a formação do aluno é um fato muito importante para que ele aprenda a vivenciar as práticas relacionadas. A educação física tem várias formas, mas a adaptada se encaixa perfeitamente nas práticas das aulas, é fundamental para o bom desempenho da aula contribuindo no desenvolvimento do aluno.

O comprometimento de cada professor, é fundamental na vivência do aluno na prática educacional, tratando-se das crianças autistas não há diferença no ambiente educacional, mas são necessários que os professores tenham uma visão distintas no nível de cada aluno com atenção. (LOPES, 2011). Devido às dificuldades qualitativas na interação, comunicação e até mesmo na imaginação, o convívio da criança autista, por meio da inclusão com as outras crianças do ensino regular, no ambiente escolar, é de grande valor, pois estimula o desenvolvimento de suas capacidades interativas, impedindo seu isolamento.

Como a inclusão é uma forma de movimento mundial, na busca de direitos e lugar na sociedade, o local que vai acolher o aluno autista deverá modificar-se e preparar-se para recebê-lo de forma que ele se sinta acolhido e confiante, tanto com quem irá acompanhar o seu desenvolvimento como também em relação ao ambiente (LOPES; FACHADA, 2012). A Educação Física tem um papel fundamental para o desenvolvimento global dos alunos, tanto quando se trata de motricidade, quanto nos fatores cognitivos, sociais e afetivos, ajudando-os a se sentirem inseridos na sociedade.

Apesar de possuírem algum tipo de transtorno ou alguma deficiência física, os estudantes podem e devem participar das aulas de Educação Física na escola. Para que o aluno autista desenvolva suas aptidões sociais e obtenha progresso em sua qualidade de vida, é necessário que o professor tenha auxílio de uma equipe multidisciplinar, pois a Educação física por si só, não é capaz de suprir todas as

necessidades dos portadores desse transtorno, já que o autismo se manifesta de diferentes formas em cada indivíduo (STRAPASSON; CARNIEL, 2007).

### **2.3 As Contribuições da Educação física para crianças com autismo**

As contribuições da Educação física para crianças com autismo, de acordo com os estudos, proporcionam o desenvolvimento da capacidade comunicativa, redução do comportamento antissocial, também na diminuição da agressividade em alguns casos. Os benefícios da educação física para crianças autistas que se envolvem com atividades esportivas, acabam construindo relações com outras crianças. A postura corporal também é um dos benefícios de ter a noção do espaço que eles se encontram. Diminuindo a chances de obesidade, já que a obesidade pode acarretar doenças, como diabetes, doenças cardíacas e problemas nos ossos.

Aumentando a autoestima por estar fazendo algo que gosta, com base nos esportes coletivos como futebol, vôlei, basquete entre outros, estimula-se a interação, a responsabilidade em conjunto e o sentimento de pertencimento. (RENATA PEREIRA, 2017). A importância da atividade física é que elas podem brincar, só que a força de ensinamento será de uma forma totalmente diferente dos demais, precisando de adaptações em todas as aulas.

Massion (2006) argumenta que as crianças e jovens autistas podem se beneficiar das práticas esportivas e da atividade física; ocorrem benefícios nas dimensões do aprendizado sensório-motor, da comunicação e da socialização, além de serem fatores decisivos para o sucesso dos processos de aprendizagem, por conta da melhoria da motivação e da autoconfiança. Também descreve que as atividades físicas permitem o progresso do autista, no que antes era limitado, como: rendimento físico, melhor conhecimento das capacidades do seu corpo, melhor representação do seu corpo em relação com o ambiente externo e melhor comunicação e socialização.

As atividades físicas e esportivas proporcionam excelentes oportunidades de aprendizagem para os indivíduos autistas, bem como prazer e autoestima, melhorando sua qualidade de vida. Os benefícios do esporte e da atividade física não se limitam, porém, ao bem-estar da pessoa (SCHLIEMANN, 2013). Tomé, (2007) afirma que crianças autistas “aprendem e entendem melhor vendo do que ouvindo” e acredita que a “melhor forma de ensinar as crianças autistas é através da demonstração”.

Ele também afirma que o professor deve utilizar essa técnica até que o aluno consiga executar a atividade sem ajuda, deve-se estimular o aluno a “adquirir a independência mesmo que, após muitas tentativas, ele não consiga no momento, pois a persistência e o amor pela criança são os grandes aliados do ensino (TOMÉ, 2007).

### 3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O presente estudo foi elaborado através de Pesquisas Bibliográficas, que consiste em uma busca sistemática de publicações de acordo com Wilhelm Lima Schirmer (2017), é o processo de busca, análise e descrição de um corpo do conhecimento em busca de resposta a uma pergunta específica.

A pesquisa bibliográfica se desenvolve a partir de materiais já elaborados, como artigos científicos, revistas eletrônicas, livros etc. Podemos ainda definir o método qualitativo, Marconi & Lakatos (2008, p. 269) afirmam que:

[...] O método qualitativo difere do fazer quantitativo não tanto por não empregar instrumentos estatísticos, como também pela forma de coleta e análise dos dados. Uma metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo uma complexidade do comportamento humano. Fornece análises mais detalhadas sobre hábitos, atitudes e tendências de comportamento (MARCONI & LAKATOS, 2008, p. 269)

O objetivo deste trabalho foi analisar as contribuições da Educação Física escolar para crianças com autismo. A ideia é responder aos problemas propostos. Tendo a vantagem de permitir ao investigador utilizar uma ampla quantidade de dados, baseando-se diretamente nas fontes encontradas.

A pesquisa foi realizada nas bases de dados eletrônicas, SCIELO, PUBMED, SBV, MEDLINE e LILACS, tendo um caráter exploratório e descritivo com base nos dados dos artigos científicos, dando continuidade às buscas em outras fontes de pesquisas. Foram utilizados os seguintes descritores: Autismo, Contribuições, Educação Física, Escolar, Crianças, Autismo, onde foram utilizados os operadores lógicos AND e OR para auxiliar os descritores e os demais termos utilizados para localização dos artigos.

Após a análise do material bibliográfico foram utilizados os artigos de maior relevância que atenderem aos seguintes critérios de inclusão: artigos publicados no período de 1943 até 2021, de língua portuguesa os critérios de

exclusão foram artigos que não estiverem dentro do recorte temporal e não tiverem relação direta com o tema pesquisado.

## **4 RESULTADOS**

### **4.1. A Educação Física Escolar**

A Educação Física escolar deve introduzir os alunos na Cultura Corporal de Movimento, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, a fim de formar cidadãos que irão usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as manifestações que caracterizam essa área, como o jogo, o Esporte, a Dança, a Ginástica e a Luta (DARIO RANGEL, 2008). A Educação Física enquanto prática pedagógica que trata da cultura corporal de movimento, neste sentido, a questão central é a importância de introduzir a Educação Física Escolar para o desenvolvimento global de crianças autistas.

Segundo Tomé, (2007) a Educação Física Escolar auxilia no desenvolvimento de habilidades sociais, melhorando a qualidade de vida dos alunos com TEA. Contudo, para um desenvolvimento positivo, o professor necessita conhecer cada aluno individualmente, pois, cada aluno com TEA tem peculiaridades e características próprias. Através deste trabalho, iremos definir alguns princípios e considerações práticas a respeito do desenvolvimento e da implantação da Educação Física Escolar com programas adaptados e sistematizados de exercícios para crianças com autismo, destacando as possibilidades do uso social das habilidades estimuladas e, assim, aumentando a sua qualidade de vida.

Dos oito estudos analisados, todos foram com crianças com TEA. As crianças tinham entre 4 e 10 anos de idade, em um total de 55 crianças. Destes estudos 3 foram realizadas atividades aquáticas, natação Fragala-Pinkham et al. (2008); Pan et al. (2010); Rogers et al. (2010). 1 estudo incluiu passeios terapêuticos, Bass et al. (2009); 1 de equoterapia assistida, Hameury, (2010); 1 de corrida, Nicholson et al. (2011); 1 de psicomotricidade, Mesquita et al. (2015) e um estudo com atividades esportivas, ações socioculturais e palestras de assistência social que participaram crianças com TEA, onde foram entrevistados 11 pais e responsáveis, Souza et al. (2012).

Um estudo realizado por Fragala-Pinkham et al. (2008) um programa de exercícios aquáticos, durante 14 semanas, sobre a resistência cardiorrespiratória para as crianças, com participação de seis meninos, três com autismo e três com transtorno global do desenvolvimento. Os resultados demonstraram uma significativa redução no

tempo para completar uma meia milha em corrida/caminhada. A força muscular e a flexibilidade não revelaram resultados significativos.

Outro estudo realizado por Pan (2010) com 16 alunos diagnosticados com TEA e síndrome de Asperger, participaram de um programa de atividades aquáticas durante 10 semanas. O resultado, foi observado uma melhora significativa dos alunos em relação às atividades aquáticas desenvolvidas durante as aulas, demonstraram uma redução drástica do comportamento antissocial.

Rogers, et al. (2010) realizaram um estudo com três meninos de quatro a cinco anos de idade. Com 45-60 minutos de natação usando um procedimento de atraso constante de tempo para ensinar habilidades de natação para crianças com autismo. Eles tiveram melhorias na aprendizagem de três habilidades novas de natação.

De modo particularizado, trabalhar com alunos autistas em aulas de natação, pode se mostrar um processo lento, mas, com o passar do tempo, conforme a convivência entre aluno e o professor de natação evolui, em geral aumenta o nível de confiança e a comunicação pode se tornar um pouco mais facilitada. A partir do momento em que as aulas de natação são incorporadas à rotina do indivíduo autista, a tendência é que a relação professor-aluno vá gradualmente se aprofundando e que o processo de aprendizagem seja potencializado (GREGUOL, 2010).

## **4.2. Crianças com Autismo**

A atuação dos profissionais da escola é fundamental, uma vez que muitos casos de autismo foram percebidos primeiramente no ambiente escolar. Na escola, deve-se utilizar o afeto e os estímulos peculiares do aluno para conduzi-lo ao aprendizado, porque, na educação, quem mostra o caminho é quem aprende e não quem ensina. A observação é extremamente relevante na avaliação do grau do autismo. A observação, sem dúvida, é o primeiro passo para uma educação com resultados (CUNHA, 2015).

Um estudo de Mesquita, et al. (2015) com um aluno de quatro anos com TEA, participou de aulas de psicomotricidade por um período de 7 meses, com frequência semanal de 3 vezes por semana, com duração de 40 minutos por aula. Após a intervenção foi possível observar um desenvolvimento significativo do aluno, ele obteve uma pontuação com valores condizentes ao perfil psicomotor considerado normal para sua idade.

Um estudo realizado por Hameury (2010) envolveu seis crianças autistas, com idade entre 5 e 7 anos. Elas fizeram uma hora de equoterapia assistida. Os resultados

apresentaram melhorias nos aspectos avaliados como: atenção 22%, percepção 32%, tônus 46%, ajuste motor 86% imitação 60%, emoção 16%, contato 37%, e comunicação 24%.

Bass, et al. (2009) realizaram um estudo de uma sessão de equitação, passeios terapêuticos de uma hora por semana, durante 12 semanas. Participaram 19 crianças, 17 meninos e 2 meninas com idade entre os cinco e dez anos. As crianças autistas expostas à equitação terapêutica apresentaram maior sensibilidade sensorial, motivação social e menos desatenção, distração e comportamentos sedentários.

Nicholson et al. (2011) fizeram um estudo durante 2 semanas e 3 vezes por semana, 12 minutos de corrida. Participaram quatro crianças com nove anos de idade, dois com autismo altamente funcional e dois com Síndrome de Asperger. Esse estudo demonstra que uma intervenção de atividade física pode trazer um enorme benefício para as crianças diagnosticadas com autismo, podendo resultar num maior desempenho acadêmico. O tempo de empenho acadêmico aumentou durante o exercício físico.

Um estudo realizado por Souza, et al. (2012) crianças com TEA foram submetidas a um programa de atividades esportivas, ações socioculturais e palestras de assistência social. Além destes serviços, participaram também de técnicas de relaxamento, exercícios de psicomotricidade, jogos, dinâmicas pedagógicas, entre outras atividades. Ao entrevistar 11 pais e responsáveis, 7 ou 63% dos pais afirmaram ter tido uma razoável ou muita melhora nos movimentos estereotipados de seus filhos, 8 ou 72% disseram ter notado razoável ou muita melhora na agressividade, 10 ou 91% afirmaram conseguir se comunicar melhor com seus filhos/as e 10 ou 91% perceberam seus filhos mais afetivos e carinhosos.

O tipo de intervenção praticada varia entre corrida, caminhada, natação, hidroginástica, atividades de lazer e exercícios aquáticos. Os autores verificaram a influências desses programas em vários segmentos como: comportamentos sociais, comportamentos estereotipados, qualidade de vida, e comportamento motor.

### **4.3. Contribuições da Educação Física Escolar em crianças com autismo**

A seguir será realizada no quadro o demonstrativo em síntese dos autores, que através de estudos incluindo crianças com autismo, demonstraram significativas contribuições da educação física com suas intervenções obtendo positivos resultados:

**QUADRO 1 – Resultados dos artigos selecionados.**

<b>Autores</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Amostra</b>	<b>Intervenção</b>	<b>Resultados</b>
Fragala-Pinkham, et al. (2008)	Verificar a eficácia e segurança de programas de exercícios aquáticos na resistência cardiorrespiratória nas crianças.	6 meninos, 3 com autismo e 3 com transtorno global do desenvolvimento.	30-50 minutos de exercícios aquáticos durante 14 semanas	Redução significativa no tempo para completar uma meia milha em corrida/caminhada.
Bass et al. (2009)	Avaliar os efeitos da equitação no funcionamento social da criança com autismo.	19 crianças, 2 meninas e 17 meninos entre 5 e 10 anos de idade.	Uma sessão de passeios terapêuticos de 1 hora por semana, durante 12 semanas.	As crianças autistas expostas à equitação terapêutica apresentaram maior sensibilidade sensorial, motivação social, melhora na atenção e comportamentos sedentários.
Pan et al. (2010)	Verificar a eficácia de exercícios de natação nas habilidades aquáticas e nos comportamentos sociais.	16 crianças com TEA e Síndrome de Asperger	Programa de Atividades Aquáticas durante 10 semanas	Melhora significativa em relação às atividades desenvolvidas durante as aulas. Redução do comportamento antissocial.
Hameury, (2010)	Avaliar os aspectos de motores, comportamentais e sociais.	6 crianças autistas, entre 5 e 7 anos de idade.	1 hora de equoterapia assistida	Apresentaram melhorias de atenção: 22%; percepção: 32%; tônus 46%; ajuste motor: 86%; imitação: 60%; emoção: 16%; contacto: 37%; e comunicação: 24%.
Rogers et al. (2010).	Avaliar a eficácia do uso de um procedimento	3 meninos de 4 e 5 anos de idade.	45-60 minutos de natação	Os meninos aprenderam 3

	para ensinar habilidades de natação.			habilidades novas de natação.
Nicholson et al. (2011)	Verificar se atividade física antecedente melhora o empenho acadêmico e seus efeitos.	4 crianças com 9 anos, 2 com autismo e 2 com síndrome de asperger.	Corrida durante 2 semanas e 3 vezes por semana, 12 minutos por sessão.	Demonstram que atividade física pode trazer um enorme benefício para as crianças com autismo, podendo resultar num maior desempenho acadêmico que aumentou durante o exercício.
Souza et al. (2012)	Desenvolver o aspecto comportamental, social e psicomotricidade entre outros.	Crianças com TEA e a participação de 11 pais e responsáveis.	Programa de atividades esportivas, ações socioculturais e palestras de assistência social.	63% dos pais afirmaram uma melhora no movimento estereotipado dos filhos. 72% disseram que houve uma melhora na agressividade. 91% afirmaram uma melhora na comunicação. 91% perceberam seus filhos mais carinhosos e afetivos.
Mesquita et al. (2015)	Analisar a psicomotricidade do aluno com TEA	1 criança de 4 anos de idade.	Aulas de psicomotricidade e período de 7 meses, 3 vezes por semana, tempo de 40 minutos por aula.	Melhora significativa do perfil psicomotor.

São apresentados os autores dos estudos e o ano de publicação, o número de participantes, os objetivos do estudo e os resultados obtidos. Esses estudos têm como objetivo demonstrar a importância da educação física no âmbito escolar, buscando na literatura existente a importância da atividade física no desenvolvimento psicomotor de

crianças e como a educação física escolar está inserida nesse contexto. Os aspectos sociais e culturais da educação física já fazem parte dos hábitos, valores, práticas de trabalho, lazer e das tradições. Isto faz com que a educação física apareça, desde cedo, no currículo escolar, de tal forma que faz refletir a cultura social em que está inserida. (GREGUOL, 2010).

A educação física e seus conteúdos e programas constituem representações sociais das atividades desportivas. Os estudos analisados apresentaram resultados significativos. Houve uma melhora nas habilidades sensoriais (BASS, et al., 2009) seis crianças autistas apresentaram melhorias na atenção, percepção e comunicação (HAMEURY, 2010), redução no tempo de percurso (FRAGALA-PINKHAM, et al., 2008), crianças com TEA aprenderam 3 habilidades novas de natação (ROGERS et al., 2010), redução do comportamento antissocial (PAN, 2010), o desempenho acadêmico apresentou melhorias (NICHOLSON et al., 2011), melhora no movimento estereotipado, redução da agressividade, melhora da comunicação e uma percepção social mais afetiva (SOUZA, et al., 2012), melhora do perfil psicomotor (MESQUITA, et al., 2015).

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Educação Física Escolar não deve ser somente voltada para a prática de esportes, e sim, para desenvolver uma compreensão da cultura corporal, uma abordagem que envolve o lazer, o corpo e o movimento em diferentes perspectivas, surgindo este último como o ponto de partida para a formação do ser humano em sua totalidade.

Esta pesquisa bibliográfica demonstrou que a educação física escolar proporciona vários benefícios às crianças com TEA. Não apenas no âmbito biológico, mas também social, emocional e cultural. Como por exemplo o desenvolvimento das habilidades sociais e afetivas, que são bastante afetadas pelo espectro autista. A inclusão da educação física escolar é fundamental para o desenvolvimento motor, cognitivo, social e afetivo. Levando ao conhecimento das possibilidades e potencialidades. Logo, são excelentes ferramentas para estimular a interação das crianças autistas com as demais pessoas, o que proporciona ao aluno um envolvimento que não é trabalhado nas atividades cotidianas.

É importante salientar a necessidade de projetos de formação continuada para profissionais envolvidos com esses alunos, mediante a relevância de todas as contribuições que a prática da educação física escolar pode proporcionar para o aluno

com TEA. Todas as pessoas envolvidas no processo de escolarização, sejam elas equipes de gestão, professores, equipes de apoio, e comunidade precisam compreender a valorização de trabalhar em prol ao aluno com TEA e assim oferecer a esse indivíduo uma educação de qualidade. Portanto, o intuito deste estudo bibliográfico, é trazer contribuições significativas aos diferentes profissionais que atuam junto às crianças autistas, provendo o aprendizado e vivências com a educação física escolar e obtendo uma maior autonomia e qualidade de vida.

Como pode ser constatado nos estudos apresentados, a educação física escolar pode auxiliar em diversos aspectos importantes que compõem o desenvolvimento de crianças com TEA. Os estudos demonstraram contribuições importantes desde aspectos motores a aspectos afetivos e emocionais. A atividade física quando bem elaborada e dirigida pela escola, com objetivos pré-estabelecidos, sempre respeitando logicamente, as limitações de cada indivíduo, que é um fator muito importante quando decidimos elaborar algum tipo de estudo, podendo auxiliar ativamente o desenvolvimento de crianças com TEA.

## REFERÊNCIAS

BASS, M, M; DUCHOWNY, C.A; LLABRE, M.M The effect of therapeutic horseback riding on social functioning in children with autism. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v.39, n.9, p.1261,2009.

BELISÁRIO JÚNIOR, J. F. B.; CUNHA, P. A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: transtornos globais de desenvolvimento 1. In: **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais de desenvolvimento**. 2010. p.40-40

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 6 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2015.

FELLIPE, A.G.; JUDITH, S.C.L. Abordagem da aprendizagem: educação física e inclusão do aluno autista. **Revista Lusófona de Educação**, Rio de Janeiro, 2010.

FRAGALA-PINKHAM, M; HALEY, S.M; ONEIL, M. E Group aquatic aerobic exercise for children with disabilities. **Developmental Medicine and Child Neurology**, v.50 n.11, p.822-827, 2008.

GREGUOL, Márcia. **Natação adaptada**: em busca do movimento com autonomia. Barueri: Manole, 2010.

HAMEURY, L. Équithérapie et autism. **Annales Médico-Psychologiques**, v.168, p.655-659, 2010.

LOPES, B.A. Contra a teoria da mãe-geladeira: a emergência da participação das mães na construção do entendimento do autismo no Brasil a partir da década de 1980. IN 47ª **Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia**, São Paulo, 2017.

MARANHÃO, B.S.S.; SOUZA, M. S. S. **Educação Física, Transtorno do Espectro Autístico (TEA) e inclusão escolar**: Revisão de bibliografia. 2017.

MESQUITA, H.; SERRANO, J.; PETRICA, J.; BATISTA, M.; ALMEIDA, D. Efeitos da atividade física adaptada no perfil psicomotor de uma criança com espectro de autismo. **Revista de Ciencias del Deporte**, 11 (supl. 2), 131-132. 2015.

NICHOLSON, H. et al. The effects of antecedent physical activity on the academic engagement of children with autism spectrum disorder. **Autism**, v.14, n.1, p.9-28, 2010.

PAN, C.Y. Effects of water exercise swimming program on aquatic skills and social behaviors in children with autism spectrum disorders. **Autism**, v.14, n.1, p.9-28, 2010.

ROGERS L; HEMMETER, M; WOLERY, M. Using a Constant Time Delay Procedure to Teach Foundational Swimming Skills to Children With Autism. **Topics in Early Childhood Special Education**, v.30, p.1-10, 2010.

SANTOS, I. A. **Educação para a diversidade: uma prática a ser construída na educação básica**. Dia A Dia Educação, Cornélio Procópio – Paraná, n. 6, p. 6-6, 2008.

SAVALL, A.C.R; DIAS, M. **Transtorno do Espectro Autista**: do conceito ao processo terapêutico [livro eletrônico], São José/SC : FCEE, 2018.

SOUZA, G.L.; FACHADA, R. Atividade física para crianças autistas. Reconstruindo a base sócio-familiar. EDFeportes.com, **Revista Digital**. Buenos Aires, ano 17, n.173, Outubro de 2012.

[https://paginas.uepa.br/ccbs/edfisica/files/2012.2/BRENDA\\_MARANHO.pdf](https://paginas.uepa.br/ccbs/edfisica/files/2012.2/BRENDA_MARANHO.pdf)

<https://fefiso.edu.br/download/tccs/A%20INCLUS%C3%83O%20DO%20AUTISTA%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20F%C3%8DSICA%20ESCOLAR.pdf>

<https://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20200904093818.pdf>

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/espectro-do-autismo>

<https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2019/04/a-importancia-da-educacao-fisica-adaptada-para-criancas-com-autismo-no-ensino-regular.pdf>

<https://www.scielo.br/j/edur/a/LwWNFpwcvWRvdwLTkMvdWF/?lang=pt>

<https://www.scielo.br/j/edur/a/6vvZKMSMczy9w5fDqfN65hd/?lang=pt>

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/inclusao-escolar-aluno-autista>

[https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7969\\_6165.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7969_6165.pdf)

<http://www.editorarealize.com.br/revistas/conaef/resumo.php?idtrabalho=22>

<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/1553>

<https://www.scielo.br/j/pe/a/TGkrQ6M6vvXQqwjvLmTFrGw/?format=pdf&lang=pt>

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282019000200014](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282019000200014) (Lorna Wing e Judith Gould)

<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/66650> (Varanda; Fernandes)

<https://www.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais-2015/XX%20SEMIN%C3%81RIO%20INTERINSTITUCIONAL%202015%20-%20ANAIS/Graduacao/Graduacao%20-%20Resumo%20Expandido%20-%20Ciencias%20Biologicas%20e%20da%20Saude/EFEITOS%20DA%20EQUOTERAPIA%20NA%20SINDROME%20DE%20AUTISMO%20UM%20ESTUDO%20DE%20CASO.pdf> (Baranek 2002)

<https://fefiso.edu.br/download/tccs/A%20INCLUS%C3%83O%20DO%20AUTISTA%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20F%C3%8DSICA%20ESCOLAR.pdf> (SANTANA 2005)

<https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/1147> (RENATA PEREIRA 2017) Journal of Health & Biological Sciences

<https://vitallogy.com/feed/Atividade+fisica+para+criancas+com+Transtorno+do+Espectro+do+Autismo+-+tea/1705> (RENATA PEREIRA 2017)

[OS BENEFÍCIOS DA ATIVIDADE FÍSICA PARA PESSOAS COM AUTISMO | Gama da Silva | Diálogos em Saúde \(iesp.edu.br\)](#) (Massion 2006)

[\(PDF\) BENEFÍCIOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES](#)

[\(researchgate.net\)](#) (SCHLIEMANN, 2013). Tomé, (2007)

<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/173149/162483>(SCHLIEMANN)

<https://www.efdeportes.com/efd104/educacao-fisica-especial.htm>(STRAPASSON; CARNIEL, 2007).

<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/173149/162483> (BARROW,.ET AL., 2011); (ACCARDO, ET AL., 2015)

## **AGRADECIMENTOS**

Inicialmente a Deus, por ter me concedido ultrapassar todos os obstáculos no decorrer do curso.

Aos familiares, que incentivaram e não permitiram que desistíssemos.

Ao orientador Fábio Cunha de Sousa, pelas correções e ensinamentos que nos ajudaram a apresentar um melhor desenvolvimento no desempenho do trabalho.